

Rádio e a Reestruturação da Vida Musical (1926)

Kurt Weill

Traduzido de J. Hermand & J. Steakley (Eds.) Writings of German Composers, pp.:262-265)

Em um período de tempo bastante curto, o rádio se tornou um dos elementos mais essenciais da vida musical. Hoje, esse é um dos assuntos mais discutidos por todos os segmentos da população e em todos os órgãos de opinião pública. Entretanto, particularmente para alguns grupos imediatamente envolvidos com o rádio como meio de diversão, essa instituição apresenta uma problemática totalmente nova, cuja solução é urgente. Isso porque o rádio, como uma "indústria de arte", adquiriu uma significância jamais alcançada por qualquer outra instituição. E, de qualquer modo, estas organizações de artistas que até agora têm tentado negar o significado artístico e econômico do rádio, devem se dar conta dessa importante questão para vida artística. A Sociedade Germânica Universal de Música, essa importante associação de artistas de criação e performance, que se reúnem anualmente, desde sua fundação por Liszt, para um festival de música onde se apresenta a produção recente e se discute questões importantes -- esse grupo se reuniu recentemente em Chemnitz, quando ficou claro que essa forte organização de músicos devia lidar pública e extensivamente com o problema do rádio. Infelizmente, o palestrante que abordou esse tópico em uma sessão extraordinária, levantou as questões sobre o rádio com uma certa atitude negativa que ainda é bem recebida em alguns círculos musicais. Não está claro para nós porque o rádio deve ser visto como um inimigo perigoso dos artistas de criação e performance. Primeiro, até onde se pode considerar os "perigos" para a arte, tenho que admitir que o rádio ainda necessita de alguns desenvolvimentos nas áreas de tecnologia e organização. Mas, não devemos ser impacientes. O movimento do rádio como um todo está apenas começando. Somente com muitos anos de experiência é que o rádio vai revelar sua missão. Serão desenvolvidas, especialmente para o rádio, novas técnicas para o canto e para os instrumentos; e, cedo ou tarde, vamos ter instrumentações especiais e combinações orquestrais adaptadas às necessidades acústicas do estúdio de transmissão. Não podemos ainda prever os novos tipos de instrumentos e aparelhos de produção sonora que podem surgir. No futuro, as pessoas provavelmente vão olhar para o que estamos fazendo hoje como se fosse mera experimentação. De fato, já foram alcançadas várias metas para a reprodução de alguns tipos de apresentação artística, e já não pode haver mais dúvidas de que as pré-condições para o desenvolvimento de um gênero artístico independente de igual estatura estão presentes aqui -- um gênero que irá muito além de uma "reprodução" mais ou menos perfeita de conquistas artísticas anteriores. A significância artística do rádio só pode ser vista no desenvolvimento de um tipo especial de arte do rádio, e de modo algum em uma continuação do sistema de concerto que hoje prevalece. Pois o argumento mais forte e importante usado pelos inimigos do rádio é a falta do contato pessoal entre artistas e público. Na futura arte do rádio, essa interação pessoal entre o pódio e o auditório, a qual é certamente indispensável na sala de concerto, terá que ser consciente e intencionalmente eliminada por inteiro. Até o ponto em que nada se coloque no caminho do desenvolvimento puro e artístico do rádio.

Menos fortes ainda são as razões que se colocam contra a significância econômica do rádio. Hoje são poucos entre os artistas mais proeminentes que não se puseram à disposição do rádio. Eles enfatizam (com alguma razão) que para o pleno desenvolvimento de seus talentos eles precisam da relação pessoal com o público, a qual inexiste no estúdio de rádio. Todos os outros -- atores, cantores e instrumentistas de todos os tipos -- estão ansiosos por se envolverem com o trabalho radiofônico. Muitos deles sobrevivem inteiramente do trabalho no rádio; e para muitos outros esse trabalho fornece um suplemento indispensável para o que recebem nos teatros e concertos. Com frequência se ouvem reclamações sobre baixos pagamentos, e parece urgente o estabelecimento de novas regras de base para remuneração dos artistas, bem como para outros tipos de profissionais envolvidos. Entretanto, as ofertas feitas aos artistas estão se elevando constantemente, e são frequentes os casos em que artistas de grande estatura acabam fazendo perigosas concessões artísticas para não desperdiçar a receita associada ao trabalho no rádio.

Porém, o forte preconceito dos artistas contra o rádio se espalha a partir da visão do rádio como o mais forte inimigo do pódio, da noção de que ele é responsável pelo declínio da audiência nos concertos. Isso ignora completamente o fato de que as cadeiras vazias nas salas de concerto são apenas um sintoma da enorme reestruturação das relações artístico/econômicas que atualmente estão se processando. A classe intelectual da sociedade, de onde vem o público dos concertos, não se encontra hoje em condições de encher as salas e parece satisfeita em observar o desenvolvimento musical em uns poucos concertos mais importantes da temporada de inverno. O processo de separação em parte já se completou: concertos realmente bons começam a mostrar maior audiência novamente. Mas aquele tipo de concerto que servia apenas como uma ocasião social está morrendo. O poder socialmente formativo da música está começando a exercer seus efeitos sobre as massas. Concertos já não são "lugares de encontro para o mundo elegante", mas sim para horas festivas da grande massa de pessoas com inclinação musical. Com certeza, este é o ponto em que o rádio está mais direta e consistentemente envolvido no processo de reestruturação. Pois apenas o rádio pode substituir os ostentosos concertos de gala que se tornaram supérfluos, por uma forma de arte das massas realmente produtiva e de valor. Somente o rádio pode garantir a um público amplo e geral -- as pessoas que irão constituir as audiências dos concertos no futuro -- a participação de artistas de primeira linha e apresentações de alto nível. (De fato, essa é a razão de solicitarmos repetidamente que os diretores de estações de rádio guiem-se pelos princípios artísticos mais sérios -- precisamente porque o concerto no rádio deve tornar-se o mais novo e belo substituto do concerto de elite.) Isso porque ainda há muito que se fazer pela prática musical dentro das salas de concerto: o cultivo da boa tradição e a divulgação dos maiores êxitos individuais; o desenvolvimento de um atividade artística serena e intensa, necessária para manter e recriar a fundação da cultura musical; e, acima de tudo, a enorme área da música nova. Não devemos permitir que o rádio venha a competir com a vida musical, mas ao contrário, fazer com que se torne parte dela. Tomar parte nesse processo deve ser a tarefa mais proeminente das organizações artísticas.